

# A Cidade de Estância sob o Olhar no Tempo-Espaço da Fábrica

Alexandrina Luz Conceição\*

*Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão SE, Brasil*

*aluz@oi.com.br*

*(Recebido em 14 de dezembro de 2008; aceito em 28 de dezembro de 2008)*

---

Este artigo tem como objetivo fazer a leitura espacial geográfica da cidade de Estância/SE, diante da crise estrutural do capital, a partir da memória dos seus moradores, os que vivem do trabalho: dos empregados e desempregados das instalações industriais da cidade, procurando identificar as suas ações, reações e tensões, tendo a palavra fábrica como signo ideológico nucleador dos questionamentos. A análise das representações da cotidianidade foi mediada na abordagem lefebvriana que permite compreender o vivido e o percebido enquanto concepção, prático sensível. A leitura desenvolvida permitiu verificar que a palavra fábrica passa por todas as relações do cotidiano, dos sujeitos questionados; a cidade não é percebida, na velocidade dos tempos da modernização tecnológica, do ritmo acelerado da informatização, ou da robótica, mas no tempo da duração lenta. O tempo e história da cidade de Estância são geografizados no congelamento do ontem, como forma talvez de naturalizar a miséria e gravar pela memória um ontem que eterniza melhores tempos que lhe permite dar sentido ao cotidiano de suas vidas. No desejo, a subjetividade é a corrente do seu aprisionamento, uma vez que o trabalho alienado é seu meio e fim.

Palavras-chave: trabalho, capital, fábrica, tempo da memória, cotidiano

This article has as objective to do the space geographical reading of the city of Estância/SE, in face of the structural capital crisis, from the memory of its inhabitants, the ones who live of the work: of the employees and unemployed of the industrial facilities of the city, trying to identify their actions, reactions and tensions, having the word factory as ideological centralizing sign to the questionings. The analysis of the representations of the every day was mediated in the “lefebvriana” approach that allows to understand what was lived and noticed whereas conception, practical sensitive. The developed reading allowed to verify that the word factory goes by all the relations of the day by day, of the questioned subjects; the city is not noticed, in the speed of the technological modernization time, of the accelerated rhythm of the informatization, or of the robotics, but in the time of the slow duration. Both time and history of Estância are materialized in the freezing of the yesterday, as form perhaps to naturalize the poverty and to record in the memory a yesterday that eternalizes better times that allows to give sense to the daily routine of people’s lives. In desire, the subjectivity is the current of its imprisonment, once the alienated work is its half and end.

Keywords: work, capital, factory, time of the memory, daily

---

## 1. INTRODUÇÃO

Marilena Chauí no prefácio para o livro “Memória e Sociedade” de Ecléa Bosi, afirma que “o tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar” (CHAUI, 1995, p. 31).

Lembrar como condição de trazer presente o tempo da memória permite fazer a leitura espacial geográfica da cidade de Estância, através do resgate da história do trabalho na indústria. Nesse sentido, a palavra fábrica se constitui o signo ideológico nucleador das entrevistas que foram aplicadas. As palavras como afirma Bakhtin “são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (ibid. p. 41).

Adentrar no cotidiano dos moradores da cidade de Estância, dos que vivem do trabalho: dos empregados e desempregados das instalações industriais da cidade, procurando identificar as suas ações e reações, assim como suas tensões diante do signo da fábrica, como articulador de significados na reprodução individual e social de suas vidas, permitiu refletir a realidade urbana a partir das representações da classe subordinada ao trabalho.

É necessário observar que a leitura do espaço urbano de Estância nos tempos e espaços da fábrica sob o olhar dos que vivem do trabalho não se limita a interpretação meramente fenomenológica do seu cotidiano, na dimensão da subjetividade, cujo limite tem sido

corriqueiramente utilizado como empírico narrativo. Não se trata de analisar a leitura das representações simbólicas como expressões de identidade que se traduz no valor estabelecido pelo sensorial, que dá o significado das relações de “espaço e lugar”, dotado de valor subjetivo, pela relação entre o indivíduo humano com o meio vivido.

Refiro-me sobretudo ao grande número de escritos publicados na geografia, que sustentam sua análise na perspectiva da experiência sob a abordagem de Yi-Fu-Tuan. A principal questão é a não distinção no que pese a questão teórica metodológica, onde se observa uma sobreposição de abordagem do conceito de vivido e percebido lefebvriano. Na abordagem de Henri Lefebvre o vivido e o percebido devem ser compreendidos na concepção prático sensível – práxis revolucionária (espaço como realidade objetiva da produção social histórica), distinta na sua essência da forma apresentada por Tuan (sensorial-contemplativa, na qual o espaço é uma categoria abstrata, e experienciado emotivamente).

Como afirmava Karl Marx nas Teses sobre Feuerbach, a concepção idealista compreende a realidade “sob a forma do objeto (*Objekt*) ou da contemplação (*Anschauung*), mas não na condição de atividade humana sensível, não subjetivamente”, mas na práxis (MARX; ENGELS, 2007, p. 611). É na práxis que o ser humano tem de provar a verdade, a realidade. O pensar abstrato limita-se à contemplação sensível, ao aparente que pressupõe o indivíduo humano abstrato, isolado, submetido às leis da natureza, na condição de ser moral.

A análise das representações da cotidianidade foi mediada na leitura de Karl Marx, enquanto método científico de análise, referenciado nos seus escritos para a Contribuição à crítica da Economia Política. O estudo da economia política deve ter como pressuposto o real e o concreto, portanto a população, não como abstração, mas o estudo das relações entre os homens no processo de produção social: o que e como produzem, a sua posição na divisão social do trabalho, apreendida nas relações capital e trabalho, enquanto unidade dialética contraditória.

Os homens são os produtores de suas representações, mas apenas os homens ativos de seu processo de vida real, condicionados pelo desenvolvimento das forças de produção e circulação. Deve-se, portanto, partir dos “homens ativos e de seu processo de vida real para daí chegar ao desenvolvimento dos reflexos ideológicos e aos ecos desse processo de vida” (MARX, 2007, p. 49).

Nesta dimensão, este artigo analisa o processo de reprodução social da rotação total do capital; o que significa produção, distribuição, circulação e consumo na lógica do modelo de desenvolvimento que implica na sua expansão geográfica, garantida pela dominação estrutural sobre o trabalho e contraditoriamente na sua dependência insuperável do trabalho vivo, para a busca do aumento do circuito do consumo, nas escalas mundial, nacional e local.

O que se procura analisar, a partir das representações da cotidianidade (processo de vida real), é a leitura espacial geográfica da cidade de Estância, através do resgate da história do trabalho na indústria, refletindo sobre o processo da alienação, da corporificação do poder ideológico que se inscreve como condição humana naturalizada, para garantir o discurso da incontabilidade do capital.

A palavra fábrica passa por todas as relações entre os sujeitos questionados, na cidade de Estância, como base ideológica, nas suas relações da vida cotidiana, no domínio do econômico, no cultural e no caráter político. Em todos os tempos e usos do lugar, a cidade de Estância se espacializa na materialização da sua memória do tempo vivido ou narrado pelos pais.

Presente e passado é um fio tênue para a classe que vive do trabalho na cidade de Estância. O hoje se modela no ontem, não como articulações distintas, mas a evocação do passado torna-se necessária como mediadora do tempo presente, para o significado do vivido no hoje. O passado emerge através de representações prático-sensíveis identificadas no presente pela ausência. Assim, a perda do emprego, e a crescente impossibilidade da inserção no mundo do trabalho, se projetam na imagem da fábrica como signo dialético contraditório. A palavra fábrica se revela nas falas dos habitantes como re/veladora de sua história social, o que se permite afirmar com Bakhtin que: “A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (BAKHTIN, 1995, p. 41).

## 2. O município de Estância: um espaço produzido

O município de Estância está situado no sudeste do Estado de Sergipe, a 56 km em linha reta e 70 km por Rodovia Federal da capital do estado, ocupando uma extensão territorial de 649.6 km<sup>2</sup> de, ou seja, 2.94% da área do estado. Faz parte da micro-região do litoral Sul sergipano e compreende a zona fisiográfica do litoral, limita-se ao Norte e Nordeste com o município de Itaporanga d'Ajuda; ao Leste e Sudeste com o Oceano Atlântico; ao Sul com o Estado da Bahia, ao Sudeste com os municípios de Indiaroba e Santa Luzia do Itanhy; ao Oeste com o município de Arauá e ao Nordeste com o município de Salgado.

A cidade de Estância foi inicialmente uma fazenda de criação de gado toponímia da qual recebe o nome de origem. Constituindo-se ponto de encontro na rota do gado, uma via de acesso para a circulação de mercadorias (devido principalmente a sua localização, cortada pelo rio Piauí e seu principal afluente, o Rio Piauitinga<sup>1</sup>), tornou-se rapidamente um centro polarizador da economia da região centro-sul de Sergipe Del Rey. Em virtude da sua importância como porto de escoamento de produtos agrícolas e da pecuária, Estância torna-se em 1621 - Fundação da Povoação de Estância, ficando por mais de um século subordinada à Vila de Santa Luzia do Real (atualmente Santa Luzia do Itanhy), e tendo sua separação judicial somente em 1757.

O crescimento econômico de Estância foi possibilitado devido a sua posição no comércio exterior, constituindo-se porto de intercâmbio entre a Europa (na exportação de cana-de-açúcar, algodão e gado) e cidades brasileiras. Paralelamente, a decadência da Vila de Santa Luzia levou a Fundação da Povoação de Estância a tornar-se a sede da Vila de Santa Luzia, passando a denominar-se Vila Constitucional de Estância.

Elevada à categoria de cidade em 1848 o município de Estância, com a economia voltada para a criação do gado e a cana de açúcar, a partir da última década do século XIX tem sua paisagem remodelada na nova divisão social e territorial do trabalho na escala nacional. Em 1891, com a fundação da Fábrica de Tecidos Santa Cruz, uma “outra” cidade é produzida sob o signo da fábrica, passando a se inscrever na indústria têxtil, principalmente a partir de 1912, com a fundação da Fábrica Senhor do Bonfim.

A fundação da Fábrica de Charutos Walquíria em 1916 abre ainda mais as relações comerciais de Estância com outros países, em virtude da grande aceitação dos charutos Walquíria no comércio externo. Em 1929 é implantada a Fábrica de Óleos Vegetais “Luso Brasileira”. Aos poucos a vida dos moradores estancianos é demarcada no tempo da lógica do capital, permanecendo, porém o ritmo lento da cotidianidade da/na “vila operária”.

O processo de expansão industrial têxtil no município ocorreu a partir de 1930, com a fundação da Fábrica de Tecidos Piauitinga. A concentração de três fábricas têxteis em Estância significou um aumento da força de trabalho operária e conseqüentemente, a sua organização.

As alterações nas relações de trabalho a partir da emergência das três fábricas levou à primeira Greve operária em Estância, no ano de 1934. Esta ocorreu na Fábrica Senhor do Bonfim, e já em 1937 foi criado o Sindicato dos trabalhadores das fábricas têxteis.

Pode-se afirmar que a década de setenta no século passado, marcou o período de intensificação da industrialização e a conseqüente urbanização da cidade de Estância, com a implantação em 1974 do Distrito Industrial nesse município. Nos dias atuais, a indústria ainda se apresenta como a principal atividade econômica contribuindo com o maior volume de impostos, vindo em seguida o setor comercial e de serviços. O município tem o maior centro comercial da mesorregião em que está localizado, constituindo-se também, o de maior intensidade urbana.

De acordo com o IBGE, em 1970, o município de Estância possuía 28.045 habitantes, sendo que no ano 2000 houve um elevado crescimento populacional, atingindo 58.836 habitantes; a quarta posição no estado em número de habitantes. Com uma população urbana de 50.750, e

---

<sup>1</sup> O livro de BEZERRA (1952) constitui leitura detalhada do processo de formação territorial de Sergipe, destacando o seu crescimento econômico e povoamento via as rotas de gado, sob o comando dos foreiros latifundiários da Casa da Torre, os Garcia d'Avila e seus sucessores. O processo de formação territorial de Sergipe pode ser identificado segundo esse autor na toponímia de suas cidades. Originadas de fazendas, dos pousos das feiras nas quais se dá a ocupação do leste e nordeste sergipense, destacando a cidade de Estância.

uma população rural de 8.086 habitantes. Perfazendo uma alta densidade demográfica de 90.57%, e uma alta taxa de urbanização, 86%.<sup>2</sup>

Embora apresente um baixo percentual de ocupação das terras rurais a atividade agrícola contribui de forma direta para o crescimento do PIB no município, uma vez que grande parte do cultivo agrícola (laranja e maracujá) é direcionada para o beneficiamento e consolidação industrial. Nas áreas limites com os municípios de Boquim e Salgado estendem-se campos de cultivos de laranja. O avanço da citricultura nos anos de 1970 e 1980 foi o responsável pelo aumento de fábricas de sucos, esta situação obedeceu à dinâmica do projeto nacional de desenvolvimento sob a sintonia da nova divisão internacional do trabalho.

A fábrica, portanto, tem grande significado e significativa na história dos sujeitos residentes do município. O peso histórico de sua presença teve e tem fortes influências na produção das relações sociais e nos modos de vida do urbano. Vidas submetidas às tensões diante das alterações da estrutura produtiva que se territorializa em contextos diferenciados sob diferentes formas que assume a divisão social do trabalho.

## 2.1 A consolidação do Urbano

Nos anos de 1970 o Estado brasileiro promove mudanças para atender as exigências do novo modelo de desenvolvimento implementando políticas e programas direcionados para o desenvolvimento regional. O I Plano Nacional de Desenvolvimento/PND (1972-1974), o II PND (1975-1979), assim como o III PND (1980-1985) fizeram parte da política de integração nacional com o objetivo de consolidar o desenvolvimento industrial e agrícola implantando pólos de desenvolvimento. Atendendo ao Plano Nacional de Desenvolvimento foram criados centros e distritos industriais, neste viés foram implantados o Distrito Industrial de Estância (DIE) onde foram instaladas fábricas de tecidos, indústrias alimentícias e outras de menor porte.

Até meados da década de oitenta, a política de investimentos industriais alterou sensivelmente a economia do município, fato favorecido face aos investimentos das empresas estatais e dos investimentos privados. As principais instalações no Distrito Industrial de Estância foram: a Fábrica da Brahma, construída em 1998, nas margens da BR-101 a 18 km no limite da fronteira dos municípios de Estância e Itaporanga d'Ajuda e as Fábricas de Beneficiamento de Produtos Agrícolas Amido Glucose.<sup>3</sup>

O padrão de acumulação capitalista no Brasil estruturou-se ao longo das décadas de 1950 a 1970, através do processo de superexploração da força de trabalho, via articulação entre baixos salários, jornada de trabalho prolongada e da intensidade do ritmo de trabalho (ANTUNES, 2004). Enquadrada na lógica do fordismo periférico, a acumulação intensiva garante o aumento da taxa de mais valia, favorecida sobremodo por um exército de reserva. Nos países periféricos as altas taxas de exploração, alicerçadas na presença de um exército de reserva, levam os salários a baixos patamares e, conseqüentemente, um baixo custo para o mercado externo,

A partir da década de oitenta desencadeia-se uma profunda mudança na estrutura produtiva capitalista em todas as escalas mundiais. As alterações tecnológicas, com a automação, a robótica e a microeletrônica provocaram profundas repercussões nas relações de produção e de trabalho, na medida em que a produção fordista, sob o signo da produção em série e de massa perde espaço para a especialização flexível, e conseqüentemente altera a lógica da acumulação do capital. A produção em massa sem a priorização do trabalho qualificado, mas do quantitativo típico da grande indústria fordista mecanizada até então dominante, é substituída em ritmos

---

<sup>2</sup> Referências da densidade demográfica e da taxa de urbanização foram obtidas no livro de FRANÇA; GRAÇA, (2000).

<sup>3</sup> Há três anos (2002) o Grupo Maratá (de Lagarto), assumiu a unidade da Frutene, em Estância. Segundo informações dos seus próprios proprietários, a Frutene produzia em novembro de 2005 o total de 28 mil toneladas de suco de laranja por ano. Sendo que metade da matéria-prima é sergipana e o restante proveniente da Bahia. A produção é voltada principalmente para o mercado europeu.

Informações obtidas no site: ([http://www. Jornal da mídia.com. br/noticias/2005/11/17](http://www.Jornal da mídia.com.br/noticias/2005/11/17)).

diferenciados nas regiões geográficas. O novo modelo produtivo passa a exigir uma produção desconcentrada e tecnologicamente mais qualificada.

Desde os primeiros anos da década de 1990, embora o estado de Sergipe não estivesse inscrito significativamente no processo da reestruturação produtiva do capital, já se pode observar na cidade de Estância a presença dos novos padrões de acumulação, via novas formas de organização da produção e do trabalho. A entrada da automação industrial tecnológica permite formas de subcontratação e da terceirização da força de trabalho. A ampliação significativa e relativa da terceirização, da contratação de trabalhadores por tarefas em tempo parcial, propicia o rebaixamento dos salários e da superexploração do trabalho, tendo como agravante o desemprego que acompanha o ritmo da economia brasileira.

A situação da classe operária se agrava com o processo da descentralização produtiva via a realocação industrial, sobremodo de empresas tradicionais como a têxtil. O novo sistema societal provoca a competitividade inter empresas, com o objetivo de altos lucros, face sobremodo a desconcentração funcional da lógica do mercado, ou seja, a concentração intensiva, a falência de pequenas, médias ou mesmo grandes empresas e, conseqüentemente, o desemprego.

Sob a dinâmica do movimento escalar mundial o município de Estância, em escala local, passa a sofrer internamente as conseqüências desse modelo. Nesse sentido, a estrutura da divisão social do trabalho sob a hegemonia da indústria, principal atividade nas décadas de 1970 e 1980, entra em crise.

#### EMPRESAS FECHADAS NO MUNICÍPIO DE ESTÂNCIA<sup>4</sup>:

Indústria de Aproveitamento do Coco  
 Fábrica de Óleo de Coco - (extinta - José Pinheiro Pinto Alvéolos)  
 Indústria de Vidros  
 Fábrica Santa Cruz  
 Fábrica Senhor do Bonfim (Grupo Constâncio Vieira)  
 Cotonifício Piauitinga  
 Fábrica de Produtos Alimentícios Estanciano -(João Valentim) Biscoitos  
 Indústria Gráfica: João Nascimento - Papelaria Modelo  
 Indústria de Destilação Álcool e seus derivados:  
 Alambique da ladeira do Bonfim  
 Alambique do Sr. Alizi Cardoso Costa  
 (Trapiches) <sup>5</sup> (sem funcionamento)

Ao contrário da verticalização fordista, o complexo produtivista toyotista funciona sob uma estrutura horizontalizada com a subcontratação de firmas terceirizadas. Esta estrutura permite a intensificação do trabalho precarizado via a terceirização fora das empresas e com a contratação de trabalhadores temporários, enquanto a empresa exige uma redução no seu quadro de empregados, privilegiando os que possuem qualificação. Seleciona para o seu quadro de funcionários trabalhadores qualificados e multifuncionais em números reduzidos, o que implica em desemprego muitas vezes em massa.

O fechamento das empresas agrava o desemprego, que é acompanhado por um processo crescente de terceirização.

As mudanças no processo da reestruturação produtiva na cidade de Estância fazem parte do padrão de acumulação capitalista, da nova ordem da divisão social e territorial do trabalho. Como afirma Antunes,

<sup>4</sup> Fonte: (<http://www.estanciasergipe.org/estecom1.html>), 2008

<sup>5</sup>Segundo informações de Francisco de Assis O daCruz(<http://www.estanciasergipe.org/estecom1.html>) haviam três atracadouros, pelo Rio Piauí: Campe (como hoje é conhecido), Capivara e Porto do Mato.

Paralelamente à retração do emprego industrial, entre as décadas de 1970 e 1990, os serviços aumentaram em média 50% sua participação relativa na estrutura ocupacional, sendo em boa medida direcionadas para o setor informal, que incorporou parcelas expressivas de trabalhadores, sobretudo no comércio, comunicações e transportes (ANTUNES, 2004, p. 24).

Desde os últimos anos da década de oitenta, segundo dados da CEPLAN/2005, está ocorrendo um decréscimo nas taxas de crescimento da economia sergipana. Com a perda da dinamicidade da economia sergipana houve uma queda no PIB e o desaceleramento do setor industrial, mas por outro lado, houve um aquecimento no setor comercial e de serviços.

Entre 1995 e 2000 a queda do setor agropecuário com a crise da produção citrícola atingiu diretamente a economia estanciana provocando o fechamento de algumas beneficiadoras. Entretanto, é preciso observar que a situação local faz parte do movimento mais abrangente da crise mundial sob o signo do modelo neoliberal. A cidade de Estância está submetida à dinâmica das redes mundiais, no duplo movimento, o da circulação de mercadorias e o da reprodução do capital. No que Antunes deixa explícito, “Na década de 1990, os serviços passaram a absorver mais postos de trabalho, sem compensar, entretanto, a destruição dos empregos, verificada tanto no campo quanto na indústria” (2004, p. 24). O aumento do desemprego reflete a incapacidade da economia brasileira de gerar novos postos de trabalho.

A nova lógica societal do capital, sujeita a constantes crises cíclicas cada vez mais curtas, representada pela desregulamentação, flexibilização e a terceirização como alternativa de correção dos seus efeitos, projeta-se, à sombra do seu caráter destrutivo, mesmo que isto signifique a manipulação absoluta do ser humano. Para garantir a sua reprodução sociometabólica, o capital coloca “a sobrevivência do ser humano como relativo prontamente manipulável” (MÉSZÁROS, 2002, p.179).

### **3. O espaço-tempo da Fábrica**

Na análise dos dados obtidos em pesquisa de campo, a partir dos questionários aplicados, constatou-se que para a maior parte dos entrevistados (91,0%), o município de Estância tem apresentado uma perda no nível do seu crescimento econômico devido ao fechamento de um grande número de fábricas. Para a maioria dos entrevistados, apesar do crescimento da cidade, do aumento do número de residências, da população, e da elevada taxa de urbanização, que no ano de 2000 não se pode dizer, que houve desenvolvimento no município de Estância. Há, entretanto, consciência de que houve um aumento dos investimentos na educação, mas para 70% dos entrevistados este crescimento não tem apresentado uma melhoria das condições de vida local.

De acordo com a pesquisa, a maioria dos trabalhadores atualmente contratados nas indústrias locais, não faz parte da comunidade. São imigrantes de outras cidades, seja da capital/Aracaju ou de outros estados. Justificam esta situação confirmando o discurso neoliberal da necessidade da qualificação como condição de emprego, para os entrevistados o estudo é necessário, como forma de melhoria individual, “principalmente para adquirir emprego como funcionário público”.

Os entrevistados reconhecem também que o comércio cresceu, mas a maioria acha que o comércio não dá segurança e não é para todos, apenas para 10% das pessoas entrevistadas o comércio nos dias de hoje é a garantia do desenvolvimento econômico.

Os resultados da pesquisa de campo demonstram que, antes, na cidade estanciana, havia lazer, tranquilidade e liberdade, enquanto hoje, há menos lazer e a violência aumentou. Conforme os depoimentos, esta situação é proveniente do fechamento das fábricas, pois, com o desemprego diminuiu a oportunidade de trabalho, “não há mais oportunidade de emprego, não há mais garantia de vida, não há desenvolvimento”. – a concepção de desenvolvimento que se faz é ideológica.

Para 95% dos entrevistados, a fábrica representa:

- a sobrevivência das famílias estancianas (Romualdo).

- a renda segura, aposentadoria segura (Maria de Lourdes).
- o fator principal para o desenvolvimento da cidade (Antonio).

Observou-se nas respostas, forte entonação da importância da sindicalização. Todos os trabalhadores entrevistados, com apenas uma exceção<sup>6</sup>, vêem o sindicato como a certeza do fortalecimento da categoria. O sindicato é visto como a segurança do trabalhador para a defesa dos seus direitos trabalhistas<sup>7</sup>, como instituição de reivindicação salarial.

Identifica-se uma forte ligação dos entrevistados com a fábrica. São pessoas que, ou trabalham atualmente na fábrica, ou foram trabalhadores, sendo que todos são filhos de trabalhadores das fábricas. Enquanto produtores sociais, no tempo da memória coletiva, a fábrica representa para eles, o signo que se constitui o vínculo de afinidade. Não se questiona a condição de vida, mas a possibilidade que essa representou e ou representa como garantia mínima de sobrevivência no lugar. O emprego na fábrica é a sinalização da lembrança vinculada a um cotidiano coletivo da não violência na cidade de Estância.

Há uma forte nostalgia com a perda do sentido do espaço do habitar, a fábrica é a única sinalização das relações do espaço-tempo – é ela que mede a unidade e a diferença, é ela que determina a produção e a apropriação do sujeito urbano.

Embora tenham surgido novos elementos para o lazer, o espaço urbano continua a ser reproduzido por meio da fábrica. Para a maioria, os modos e tempos de apropriação dos usos dos espaços públicos da vida cotidiana dos anos de 1960 e de 1970 é que permanecem como referência de qualidade de vida. O seu sentido enquanto sujeito urbano ficou marcado pelo tempo relógio da fábrica que reorienta usos e funções do lugar da cidade/Estância. A fábrica torna-se o signo da ausência-presença, o resíduo, que assume o significado do u-tópico, do qual “o passado e o possível, o melhor e o pior se misturam” (LEFEBVRE, 2002, p. 27).

O estranhamento provocado pelas mudanças diante do fechamento das fábricas e de um novo urbano com o crescente aumento das funções comerciais e de serviços<sup>8</sup> aparece como exterior às suas vontades e se materializa pela violência crescente. A fábrica se apresenta na dualidade do real e do sonho. Não se argumenta o passado, este aparece como condição positiva para a materialização do presente que se apresenta sem perspectivas possíveis na sua imediata trajetória de vida. O presente e o passado coexistem na animalidade onírica do desejo como explicativa dos fragmentos que restaram do objeto de sua condição de existência individual e social – o trabalho. Ausência e presença não se excluem, mas uma é mediada pela outra, a presença da fábrica está inteira na sua ausência. A imagem da fábrica sobrepõe-se sem limites, porque necessária.

O tempo do trabalho induz ao isolamento e ao metamorfoseamento ideológico do vivido e do concebido que se limitam no tempo da vida cotidiana. Esta, reduzida ao local se produz no contexto da vizinhança e do tempo histórico do individual no local. Não há nenhuma visualização fora da escala local, ou seja, a cidade de Estância. Ilhados nas certezas dos desejos imediatos do trabalho são mergulhados no domínio do fetiche do mercado.

A fábrica é a memória coletiva, - objeto de representação de 90% dos entrevistados, ela não surge nas suas memórias apenas como imagem/forma, mas, sobretudo como conteúdo, significado do tempo trabalho. Ela vem associada à condição de garantia de trabalho. A sua forma representativa ocupa a condição de valoração dos sujeitos que habitam a cidade, embora materializada nas ruas e em prédios que se apresentam como resíduos no tempo presente. O tempo que flui é o tempo do trabalho.

Assim o ontem do lugar da cidade (Estância) aparece em quase todas as falas como um tempo:

---

<sup>6</sup> Apenas um dos entrevistados afirmou que é sindicalizado não por vontade própria, mas porque já vem descontado no seu contra cheque.

<sup>7</sup> É importante observar que todos os entrevistados têm carteira assinada, trabalham oito horas diárias e tem emprego permanente. Apenas um fez curso de especialização (técnico médio).

<sup>8</sup> Segundo FRANÇA e GRAÇA (2000), ao lado da atividade industrial, responsável pela geração de grande volume de impostos, estão às funções comerciais e de serviços. Nos últimos anos tem se verificado uma tendência a melhoria do comércio e os serviços também vêm sendo ampliados e se especializando.

- melhor, porque tinha mais indústrias, como a Fábrica Piauitinga que fechou, conseqüentemente surgiu o desemprego, com isso a população sofre (Marli).
- melhor porque tinha emprego (Robson).
- melhor, tinha mais opção de lazer, era menos violenta, tinha mais emprego (Maria do Carmo).
- melhor tinha mais oportunidade de emprego (Luisa).

A rua, com as suas funções simbólicas e lúdicas desaparecem diante da imposição do urbano. Na economia de consumo a rua converte-se em rede para o consumo. Como afirma H. Lefebvre,

O mundo da mercadoria desenvolve-se na rua. A mercadoria que não pôde confinar-se nos lugares especializados, [...] invadiu a cidade inteira [...]. A mercadoria, tornada espetáculo (provocante, atraente), transforma as pessoas em espetáculo umas para as outras. Nela, mais que noutros lugares, a troca e o valor de troca prevalecem sobre o uso, até reduzi-lo a um resíduo (LEFEBVRE, 2002, p. 30-31).

O espaço e a política do espaço são cada vez mais organizados sob o controle do Estado mediado pelo capital privado. O antigo cotidiano da vizinhança, dos laços de parentesco, das intercomunicações voltadas para o conversar diurno na beirada das calçadas, ou da troca de utensílios e condimentos entre muradas baixas das casas ajardinadas típicas do subúrbio desaparece diante da cotidianidade submetida ao tempo do capital. Há um novo tempo cíclico onde prevalece o sistema financeiro e comercial.

Compreendendo o lugar na referência poética baudelariana, fundamentada na análise marxiana, que permite ler o processo de crescimento urbano, da produção e reprodução do espaço (urbano) inscrito no processo da reprodução do capital, e de vida humana em todas as suas dimensões, o lugar segundo Carlos (2004, p. 55) assume a dimensão “onde individual e coletivo se mesclam num jogo de impressões e significados múltiplos reveladores da vida na cidade, enquanto conteúdo para a vida”. A rua aparece como lugar da experiência, da rotina, dos conflitos, das dissonâncias.

Sustentada na análise lefebvriana na qual o lugar manifesta-se como produto da existência social no curso da história, o lugar dos conflitos entre o racional e o irracional, entre o efêmero e o que persiste, a cidade para Carlos,

Se reproduz na contradição entre a eliminação substancial das formas que criam o desaparecimento dos referenciais da vida, produzindo o estranhamento. Este se revela no plano da relação do indivíduo com os lugares e no cotidiano que está hoje invadido, pelos signos de uma nova ordem que cria um novo modelo de vida (CARLOS, 2004, p. 56-57).

Porém, contraditoriamente, embora a cidade de Estância esteja inscrita na escala mundializada há perda do acompanhamento do ciclo da produção. Nesta, persiste para os sem trabalho o seu uso no tempo da duração lenta. O fechamento das fábricas, a sua redução, a eliminação de várias funções do trabalho, conforme sistema de acumulação flexível não é percebido pelos sem trabalho na velocidade dos tempos da modernização tecnológica, do ritmo acelerado da informatização ou da robótica, mas só o peso da intensa ideologização da sociedade moderna capitalista, que apresenta o trabalho assalariado, como signo de riqueza, bonança, seguridade, condição *sine qua non* para o processo da valorização.

O valor trabalho se sobrepõe como condição intrínseca de permanência de vida. A sua ausência metamorfoseia todas as formas de opressão, de exploração das horas de trabalho.

Diante da crise estrutural do capital naturaliza-se a super exploração da jornada do trabalho, como afirmam os entrevistados nas suas falas:

-Apesar de pagar baixos salários, hoje trabalhar é privilégio de poucos, diante de grande número de desempregados e dos poucos números de fábricas que funcionam. (Lucileide)

- A fábrica é boa porque oferece emprego, mesmo ganhando pouco é uma renda segura, é uma garantia de aposentadoria (Maria do Carmo).

O trabalho enquanto atividade produtiva é mediador da sua consciência alienada, como ser sujeito à continuidade da reprodução do capital. Não há consciência de classe.

O objeto do trabalho é a objetivação da vida “O trabalho alienado, porém faz do ser genérico do homem, tanto da natureza quanto da faculdade genérica espiritual dele, um ser estranho a ele um meio da sua existência individual” (MÉSZÁROS, 2006, pág. 20). No devir do capitalismo a relação que estabelece com o ato da sua produção, no interior do processo de trabalho, é a do trabalhador como uma atividade alheia que não lhe oferece satisfação em si e por si, mas pelo ato de obtê-la de outra pessoa. Como um consumidor de mercadorias, estranha sua condição de produtor, dimensão que vê no outro, “defronta-se com ele o outro homem”, “O que é produto da relação do homem com o seu trabalho e consigo mesmo, vale como relação do homem com outro homem, como o trabalho e o objeto do trabalho de outro homem.” (Karl Marx, *apud* MÉSZÁROS, 2006, p. 21)

Sem realização de consumo de mercadorias, ele é colocado no círculo vicioso da reivificação, da objetivação alienadora, que não permite a superação prática da alienação. As suas falas são expressões de manifestações exteriorizadas por se verem como sujeitos produtos circunstanciais do aparente, daí porque a nostalgia faz voltar ao passado na saudade da sua posição na ordem capitalista da divisão do trabalho (na escala local, nacional e mundial).

Como ser exteriorizado (alienado), o trabalho precarizado assume uma condição concreta, porém dual e contraditória. Se de um lado este é símbolo do seu aprisionamento no ciclo produtivo, sua escravização, sua anulação, ao mesmo tempo, enquanto desejo é a possibilidade relativa de “autonomia” como comprador de mercadorias exigência mínima para sua subsistência na sociedade capitalista. Ou seja, o não trabalho é a desrealização do sujeito e a plena realização de níveis crescentes da exploração do sobretrabalho. No encontro do fluxo das falas dos entrevistados identifica-se a melancolia do ausente no presente da vida cotidiana. O antigo vivido se espacializa no hoje associado ao lugar de conflitos, de fragmentação de confrontação.

Na cidade de Estância cresce o comércio, o consumo, a concentração de riquezas, a pobreza, mas para a classe que vive do trabalho e os sem trabalho direto, o tempo e história da cidade de Estância é geografizado no congelamento do ontem, como forma talvez de naturalizar a miséria e gravar pela memória um ontem que eterniza melhores tempos que lhe permite dar sentido ao cotidiano de suas vidas.

No desejo, a subjetividade é a corrente do seu aprisionamento, uma vez que o trabalho alienado é seu meio e fim. Entretanto, a sua libertação só será possível pelo corte desta unidade. Enquanto seres abstratos permanecerão acorrentados no mundo do aparente, da idealidade, como necessidade da sua própria negatividade. Só como Ser social histórico será capaz de transcender a auto-alienação do trabalho pela intervenção consciente de classe na construção de uma sociedade objetivada na realização real dos que trabalham.

---

\* A produção deste artigo teve como contribuição a aplicação de questionários pelos alunos do ensino médio do Colégio Walter Franco em 2005-2006: Evânio de Jesus Silva; Lucimara Pinheiro dos Santos; Maria Ilda A. de Oliveira, sob a tutoria da Professora Dayse Maria Quintela Leite, participantes da Pesquisa PBICJ realizada via sistema FAPITEC/SE intitulada: “A Trajetória histórica do espaço da indústria no município de Estância”.

ANTUNES, Ricardo. Anotações sobre o Capitalismo Recente e a Reestruturação Produtiva no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria A. Moraes (orgs.). *O Avesso do Trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, pp. 13-27.

- BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BEZERRA, Felte. *Investigações Histórico-Geográficas de Sergipe*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1952.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano: Novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHAUI, Marilena. In: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CRUZ, Francisco de Assis O. *Projeto Resgate da História de Estância Jardim de Sergipe Del Rei*. Disponível em: < <http://www.estanciasergipe.org/estecom1.html> >. Acesso em: 22 mar. 2008.
- FRANÇA, Vera Lúcia A.; GRAÇA, Rogério Freire. *Vamos Conhecer Estância*. Estância: Prefeitura Municipal, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Tradução Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: Crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*, 1845-1846. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MÉSZÁROS, István. *A Teoria da Alienação em Marx*. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Para Além do capital: Rumo a uma teoria da transição*. Tradução Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.
- RELATÓRIO DA CEPLAN: *Sergipe: Desempenho, Perspectivas Econômicas e evolução dos indicadores sociais 1970-2004*, CEPLAN. Recife. nov. 2005. Disponível em: <<http://www.visiteobrasil.com.br/historiasdascidades/se-estancia.php>> . Acesso em: 22 mar. 2008.